

## MEDIAÇÃO DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR: PROPOSTAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO PARA CRIANÇAS E JOVENS

Lorena Faria de SOUZA<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Uberlândia  
[lorenarevisao@yahoo.com.br](mailto:lorenarevisao@yahoo.com.br)

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo refletir acerca de processos de mediação de leitura e letramento literário direcionados ao Ensino Fundamental, tendo como escopo o trabalho desenvolvido na biblioteca de uma escola pública de Uberlândia, Minas Gerais. A escolha por esse *locus* se deu pelo fato de a biblioteca escolar ser um espaço privilegiado de mediação, além de a escola integrar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Foram desenvolvidas e analisadas ações de mediação que partiram desde a remodelação da biblioteca até chegar à utilização de textos literários em diferentes suportes, ressaltando, além dos aspectos linguísticos das obras, os elementos da narrativa e sua configuração nos textos apresentados, considerando a importância das narrativas de ficção na formação das crianças e no auxílio à resolução de conflitos, já que as histórias contribuem para uma compreensão mais crítica da realidade. Como resultados observados, percebeu-se que as ações de mediação de leitura na biblioteca fizeram deste espaço um ambiente mais convidativo e motivador, visto o crescente número de estudantes que passaram a visitar o espaço em busca da interação promovida pela leitura.

**Palavras-chave:** mediação de leitura; letramento literário; biblioteca escolar; PIBID.

### 1. Introdução

O presente cenário atual dos índices de proficiência em leitura dos estudantes brasileiros é alarmante: no SAEB 1995-2005<sup>2</sup> (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) os melhores índices de proficiência revelam que nossos alunos sabem aproximadamente metade do que deveriam saber no 9º ano. Em 2009, na avaliação do PISA<sup>3</sup> (Programme for International Students Assessment), o país ocupou a 53ª posição em ciências e leitura num *ranking* geral de 65 países. Mesmo com críticas a esses tipos de avaliação, já que podem desconsiderar as discrepâncias entre os estados ou países avaliados (OLIVEIRA; ANTUNES, 2013), tais resultados demonstram uma certeza: a imensa maioria dos estudantes do Brasil não compreende o que lê. Além disso, resultados como esses levam a diversos questionamentos, tais como: o que fazer para melhorar os baixos índices de proficiência desses alunos? Quais práticas pedagógicas têm sido adotadas pelos professores de Língua Portuguesa e Literatura no que tange à competência leitora dos alunos? Há incentivo à leitura literária para os alunos do Ensino Fundamental? As bibliotecas escolares têm sido espaços prazerosos de leitura? Os bibliotecários têm cumprido seus papéis de mediadores de leitura?

---

<sup>1</sup> Mestranda do Profletras – Mestrado Profissional em Letras pela UFU. Professora efetiva na rede pública estadual de Minas Gerais. Professora supervisora do PIBID/UFU – Subprojeto Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Informações do sítio: <[www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)>

<sup>3</sup> INEP. Relatório Nacional Pisa 2006, Brasília, MEC, 2007.

Enfim: como melhorar a competência leitora dos estudantes? A resposta pode estar na mediação de leitura e no letramento literário, especialmente no âmbito escolar e particularmente nas bibliotecas, lugares privilegiados de mediação. Negligenciar esses aspectos da leitura, em especial a leitura literária, pode gerar desastrosas consequências para nossos estudantes, e, para mudar o presente cenário, educadores e bibliotecários precisam adotar a postura de verdadeiros agentes de letramento.

## **2. A importância da leitura na escola e o PIBID Língua Portuguesa**

A sociedade, ao longo dos séculos, está cada vez mais imersa em práticas de leitura e escrita. Leitura e escrita configuram-se, dessa forma, em práticas sociais indispensáveis ao ser humano. Resende (1993, p. 164) demonstra um conceito de leitura que pode libertar o ser humano para uma melhor compreensão do mundo:

A leitura é um ato de abertura para o mundo. A cada mergulho nas camadas simbólicas dos livros, emerge-se vendo o universo interior e exterior com mais clareza. Entra-se no território da palavra com tudo o que se é e se leu até então, e a volta se faz com novas dimensões, que levam a re-inaugurar o que já se sabia antes.

Num raciocínio parecido, Freire (1982, p. 11) também menciona: “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Sendo assim, a leitura é colocada como uma ponte capaz de levar o ser humano a compreender sua realidade, contribuindo para a formação da identidade.

No entanto, para atuar criticamente diante da realidade e ser um sujeito capaz de intervir de forma ativa e adequada nas práticas sociais de letramento, é necessário que esse sujeito compreenda como os diferentes discursos transmitem ideologias. A leitura crítica pressupõe construção de sentidos por meio de conhecimentos prévios e também adquiridos ao longo da formação escolar, relacionados aos diferentes contextos de produção. Dessa forma, é papel da escola contribuir para que o ensino assuma os aspectos sociais da escrita, leitura, oralidade e escuta como conteúdo a ser ministrado (KLEIMAN, 2007). Sendo assim, e considerando que o processo de conhecimento emerge em situações comunicativas, a escola deve atuar como mediadora do saber, para que o aluno possa ser de fato sujeito capaz de ativar seus conhecimentos prévios e aqueles adquiridos no âmbito escolar para atuar criticamente nas mais diversas práticas sociais.

Diante desses aspectos, e com o intuito de propor e analisar como as ações de mediação de leitura vinham sendo feitas na escola – ou mesmo *se* estas ações vinham de fato sendo feitas – o PIBID/UFU (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Uberlândia), no Subprojeto Língua Portuguesa, em parceria com a E. E. Honório Guimarães, no setor central de Uberlândia (MG), realizou uma série de intervenções no espaço escolar a fim de promover ações de mediação de leitura e letramento literário, especialmente no âmbito da biblioteca, já que esta se constitui num *locus* privilegiado e fundamental de mediação. Foram propostas ações pedagógicas capazes de incentivar os estudantes do Ensino Fundamental à prática da leitura, com vistas a modificar o

comportamento desses alunos em relação à leitura literária e melhorar a competência leitora deles. Além disso, as intervenções visaram modificar, pelo menos em parte, o cenário atual com relação aos baixos índices de proficiência em leitura na(s) turma(s) atendida(s) pelo Programa de Iniciação à Docência.

### 3. Pressupostos teóricos

Considerado um termo relativamente novo no Brasil, datado de meados de 1980, o letramento representa “as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita” (SOARES, 2004, p. 6). O letramento parte da prática social para o conteúdo, não o contrário. Nesse sentido, Kleiman (2007, pp. 2-3) destaca:

[...] A diferença entre ensinar uma prática para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde predomina a concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. [...] A partir do momento em que o letramento do aluno é definido como o objetivo da ação pedagógica, o movimento será da prática social para o conteúdo, nunca o contrário, se o letramento do aluno for o objetivo da ação pedagógica (grifo da autora).

Aplicando esse conceito à literatura, chegamos a um termo mais específico: o *letramento literário*. Entendendo o letramento como prática social e a literatura como fato social, Samuel Soares (2011, p. 7) propõe a seguinte definição para letramento literário: “conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Diante dessa definição, podem-se delimitar os contextos em que há a utilização da leitura literária como prática social, tais como: “ler e contar histórias, assistir a novelas, assistir a teatro, ler mensagens em *out doors*, ler revistas, participar de reuniões, participar de uma cerimônia, escrever cartas, dentre outras atividades práticas e que podem utilizar a escrita literária ao permitir a interação social” (Soares, 2011, p. 7).

Cosson et Souza (2011, p. 102) destacam que o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por isso, é um tipo singular de letramento:

[...] o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006b, p. 17). Depois, o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto

é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar.

Apesar de saber que as definições de letramento e letramento literário pressupõem contextos muito mais amplos de interação social, cabe ressaltar que a escola é um dos principais meios promotores desses letramentos, visto que muitas famílias brasileiras não têm o hábito de leitura. Ora, Cosson et Souza (op. cit.) mencionam que “o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar”. Dessa forma, analisar e propor práticas de letramento no âmbito escolar constitui um ato de extrema relevância.

Outro conceito que permeia as definições de letramento e letramento literário é a mediação de leitura, que consiste em “ajudar alguém a construir um propósito de leitura ou facilitar suas condições, a fim de tornar o texto interessante para o leitor<sup>4</sup>”. Tal mediação possui várias naturezas, tais como a material, a institucional e a humana. A natureza material consiste em ambientes físicos ou suportes de leitura, como por exemplo, o quarto, a biblioteca, as revistas, livros etc. A mediação institucional consiste em circuitos literários, programas e projetos de leitura, mercado editorial, entre outros. Já a natureza humana da mediação está nos pais, parentes, amigos, professores, bibliotecários, entre outros agentes capazes de promover e/ou incentivar o letramento.

Considerando que a escola exerce papel fundamental na promoção de ações de letramento, em diversos níveis e aspectos, a biblioteca escolar deve ser não só um campo físico de mediação, mas os bibliotecários e professores agentes do letramento e mediadores ativos. A importância desse espaço é imensa, mas a observação da realidade escolar nos mostra muitas vezes que a biblioteca se tornou espaço para depositar livros didáticos não mais utilizados e outros objetos em desuso na escola, e o bibliotecário é geralmente o professor prestes a se aposentar, cansado da sala de aula, que quer descansar e vê na biblioteca um mote para isso. Para mudar essa realidade, a gestão escolar e os professores – em especial de Língua Portuguesa – devem assumir seu papel de mediadores e agentes do letramento, contribuindo, assim, para a formação de leitores mais críticos e preparados para compreender a realidade.

#### **4. Atuação do PIBID Língua Portuguesa na biblioteca escolar**

A atuação do PIBID Língua Portuguesa na biblioteca iniciou-se com a identificação de problemas relativos ao uso inadequado desse espaço: prateleiras de livros em frente a janelas, o que tornava o ambiente escuro e sem ventilação, livros desorganizados nas prateleiras e ausência de catalogação do acervo. Dessa forma, foi proposta inicialmente a revitalização da biblioteca, com vistas a torná-la um ambiente convidativo à leitura e motivador.

---

<sup>4</sup> Conceito definido por Carlos Augusto Novais, coordenador do GPELL – Grupo de Pesquisas de Letramento Literário do CEALE/UFMG – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, na palestra ‘A leitura literária e suas estratégias de mediação’, proferida no IV Seminário Institucional do PIBID/UFU, em 13 de agosto de 2013.

O local foi totalmente remodelado, com pintura das paredes, mudança de prateleiras do lugar, reorganização, atualização e catalogação do acervo, além da aquisição de novos títulos literários. O financiamento dessas ações se deu por meio da realização de um Festival de Sorvete, em que houve a participação maciça dos estudantes. Parte da verba veio da direção da escola, que promoveu a confecção de bancadas próprias para computadores, antes colocados sobre carteiras de alunos adaptadas.

A primeira etapa da mediação estava completa: a parte física da biblioteca passou a funcionar como deveria. Antes não havia na biblioteca sequer o empréstimo de livros aos estudantes, o que foi proporcionado pela intervenção do PIBID. Faltava então mostrar que o ambiente da biblioteca poderia servir a mais ações de mediação, que foram realizadas por meio de oficinas de leitura e produção textual, entre os meses de junho e outubro de 2013. Dentre as oficinas realizadas estão: Oficina ‘Dom Quixote’, Oficina de cartas, Oficina de HQs e Oficina de Fanzine.

#### **4.1. Oficina ‘Dom Quixote’**

No mês de junho de 2013 foi realizada na E. E. Honório Guimarães a Oficina ‘Dom Quixote’ junto a estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, com duração de cinco horas/aula por turma. Após o planejamento das atividades pelas licenciandas-bolsistas junto à professora supervisora, houve a elaboração de slides sobre a obra em questão e sobre o autor Miguel de Cervantes Saavedra. Os slides abordavam também a importância de se ler os clássicos e o enriquecimento vocabular proporcionado por essas obras. Uma adaptação da obra, feita pela autora Cristina Klein, foi projetada para a realização da leitura. Em seguida, foram abordados os elementos da narrativa presentes na obra, e os alunos puderam visualizar os exemplos no próprio texto da obra.

Na aula seguinte, foram discutidas as diferenças entre a linguagem literária escrita e a linguagem cinematográfica. Após esse momento inicial, foi exibido o filme ‘Donkey Xote’, do estúdio de animação DreamWorks. Depois da exibição, os estudantes tiveram a oportunidade de comentar sobre as diferenças entre livro e filme e, para concluir essa ação de mediação, solicitou-se aos estudantes que fizessem uma ilustração com a parte da obra que mais lhe chamou a atenção. Desenhos com os moinhos de vento e o duelo entre os cavaleiros figuraram entre as principais ilustrações. As ilustrações foram colocadas em varais e expostas no corredor das salas de aula para apreciação dos demais estudantes.

#### **4.2. Oficina de cartas**

Em agosto de 2013 os alunos dos 6<sup>os</sup> anos da E. E. Honório Guimarães realizaram uma Oficina de cartas com o apoio das licenciandas-bolsistas do PIBID Subprojeto Língua Portuguesa. As oficinas tiveram duração de duas horas/aula cada. Após o planejamento das atividades, as bolsistas explicaram aos alunos qual seria o propósito da oficina: estabelecer comunicação com estudantes de outra escola por meio de cartas. Foram apresentados aos estudantes slides sobre a história das cartas na humanidade, e a importância desse gênero textual em diversas comunidades. Abordou-se também a questão da carta eletrônica – o *e-mail* – mostrando que mesmo com o advento da tecnologia, esse gênero manteve suas

características estruturais preservadas. Explicou-se aos alunos a estrutura do gênero carta por meio de exemplos. Em seguida, os estudantes receberam cartas escritas pelos alunos da outra escola, e tiveram a oportunidade de respondê-las, abordando especialmente preferências de leitura e sugerindo um novo contato. As cartas foram devidamente endereçadas e entregues na escola de origem.

Houve uma participação intensa dos estudantes nessa oficina, que também contou com o apoio de professores da instituição como mediadores.

### **4.3. Oficina de HQs**

Os alunos dos 7<sup>os</sup> anos A e B da E. E. Honório Guimarães participaram de uma oficina de histórias em quadrinhos no mês de setembro de 2013, com duração de três horas/aula. Os professores de História e de Língua Portuguesa das turmas participaram efetivamente da oficina, contribuindo para o processo de mediação. Após o planejamento das aulas, as licenciandas-bolsistas do PIBID produziram uma série de slides sobre o surgimento das HQs e sobre a contribuição desse gênero na formação a identidade de um povo. Nesse momento, o professor de História contribuiu com comentários comparativos entre as HQs norte-americanas e as brasileiras, demonstrando as diferenças do perfil dos cidadãos de ambos os países. Na sequência, abordou-se a comemoração dos 50 anos da Turma da Mônica, criada por Mauricio de Sousa em 1973, além das características pertinentes ao gênero, tais como balonamentos, onomatopeias, cenários, entre outras. Os estudantes demonstraram já ter um conhecimento prévio a respeito do tema e da estrutura do gênero e, no momento em que foi proposta a produção de uma história em quadrinhos, eles não tiveram maiores dificuldades. Foram dados aos alunos cartolinas, quadros em branco e recortes com personagens da turma da Mônica para montarem as histórias. Os resultados foram expostos em mural da escola e divulgados na página do PIBID/UFU Língua Portuguesa em uma rede social.

### **4.4. Oficina de Fanzine**

O gênero Fanzine foi trabalhado também com alunos do 7º ano. ‘Fanzine’ é uma corruptela da expressão em inglês *fanatic magazine*, ou ‘revista do fã’. Surgida inicialmente para divulgar experiências de ficção científica, em meados de 1970 voltou-se a divulgar trabalhos de grupos musicais ligados ao punk-rock e, de lá para os dias atuais, aborda todo tipo de divulgação: eventos escolares, histórias em quadrinhos, poemas, etc. Sua produção caracteriza-se pelo viés artesanal e autoral. No mês de outubro de 2013 foi feito o planejamento das atividades e a execução da oficina se deu em três horas/aula. Uma apresentação de slides explicando o que era o gênero e sua história foi realizada antes de os alunos iniciarem a produção autoral de seus ‘zines’. Foram cedidas revistas, tesouras e colas aos estudantes, além de imagens já recortadas e folhas sulfite para que os alunos pudessem produzir as revistinhas, cujo tema era livre. Surgiram revistas sobre música, arte e moda, com conteúdos diversificados. As revistas originais foram fotocopiadas e entregues aos alunos, que puderam mostrar aos colegas o resultado de seus trabalhos.

## 5. Considerações finais

A proposta de se trabalhar diferentes gêneros textuais com intuito de promover a mediação de leitura e o letramento literário entre os estudantes foi, do ponto de vista da equipe do PIBID/UFU Língua Portuguesa, extremamente válida. Percebeu-se que os alunos ficaram muito entusiasmados e que os textos produzidos tiveram uma qualidade até mesmo acima do esperado, cumprindo de fato com sua função comunicativa. As oficinas de leitura e produção geraram momentos divertidos e interativos, em que o propósito de letramento foi certamente alcançado. No que tange ao espaço da biblioteca escolar, além da revitalização física, houve uma revitalização no sentido conotativo do termo: antes, o espaço era um ambiente escuro, sem vida; agora, a biblioteca tornou-se um ambiente alegre, onde os livros dão vida à imaginação das crianças e jovens. Do ponto de vista da formação docente, um dos objetivos do PIBID, cabe ressaltar que a atividade em questão também foi bastante proveitosa, já que houve a oportunidade de todas as licenciandas-bolsistas estarem à frente da sala de aula, conduzindo o processo e orientando os estudantes. As palavras de Larrosa (2003) são capazes de expressar bem o sentimento das licenciandas sobre os resultados das propostas de mediação e letramento literário realizadas:

Ensinar a ler é produzir esse deixar escrever, a possibilidade de novas palavras, de palavras não pré-escritas. Porque deixar escrever não é apenas permitir escrever, dar permissão para escrever, mas estender e alargar o que pode ser escrito, prolongar o escrevível. A leitura torna-se, assim, no escrever, uma tarefa aberta, na qual os textos lidos são despedaçados, recortados, citados, in-citados e ex-citados, traídos e transpostos, entremesclados com outras letras, com outras palavras. Os textos são entremeados com outros textos. Por isso, o diálogo da leitura tem a forma de um tecido que constantemente se destece e se tece de novo, isso é, de um texto múltiplo e infinito. (LARROSA, 2003, p. 145).

## 6. Referências bibliográficas

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 10ª ed. 1992.

KLEIMAN, A. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**. Campinas: Secretaria Municipal de Educação, p.1-10, fev, 2007. Disponível em: <[http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento\\_AngelaKleiman.pdf](http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento_AngelaKleiman.pdf)> Acesso em 17 nov 2013.

LARROSA, J. **Sobre a lição**. In. *Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 200, p. 139-146.

OLIVEIRA, Thaís de; ANTUNES, Renata. Negligência na mediação do professor no trabalho de leitura. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R. (Org.) **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e Juvenil. Vivências de leitura e expressão criadora**. Rio Janeiro. Saraiva, 1993.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, jan-abr, n. 25, 2004. p. 5-17.

SOARES, Samuel. **Caminhos e descaminhos do ensino da literatura: letramento literário e materiais didáticos**. Rio de Janeiro: Revista Litteris, n. 7, mar, 2011. Disponível em: [http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Letramento\\_Literario\\_-\\_Revista\\_Literis.pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/Letramento_Literario_-_Revista_Literis.pdf). Acesso em: 03 out. 2013.

SOUZA, R. J.; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. São José do Rio Preto: Objetos educacionais do acervo digital da Unesp: 2011. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>> Acesso em 18 nov 2013.